

## **EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIDÁTICA DE UM ESPAÇO NÃO ESCOLAR**

Dhanyele Sousa Araujo<sup>1</sup>  
Orientadora: Ana Cristina Silva Soares<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A educação especial, hoje considerada um campo abrangente na área educativa, se baseia no ramo da educação que se ocupa desde o atendimento, até a educação de pessoas com deficiências intelectuais. Assim, pode-se ressaltar os espaços não escolares como um dos campos de atuação do pedagogo que visa, a partir de uma didática diversificada, atender a essas necessidades no que diz respeito ao déficit intelectual. Logo, a didática, por sua vez, é um elemento que o professor faz uso na rotina escolar podendo, sempre que for necessário, mudá-la ou até mesmo aperfeiçoá-la. Assim, a literatura enfatiza a didática do educador focalizando a educação especial, sendo ela atribuída a faixas etárias diversas. Nesta perspectiva, ela conta com a contribuição teórica de autores como: Libâneo (2017), Glat et al (2007), dentre outros que tiveram grande relevância para o esclarecimento de ideias, visando uma literatura mais concreta e explícita.

Compreendendo que a didática é própria de cada educador, cada um a emprega de acordo com sua aula, seu conteúdo, meta a alcançar, faixa etária dos alunos ou até, muitas vezes, conforme o sistema padrão exigido na escola, neste último caso, sem a possibilidade de poder mudar, a fim obter resultados melhores, por exemplo. Assim, sabendo da quão vasta é sua importância para uma boa execução das aulas, das avaliações, dentre outras atividades desenvolvidas no meio educacional, o foco na educação especial se dá pela curiosidade instigante de entender como esse processo acontece em um espaço onde há especificidades diversas e que, conseqüentemente, se tem certa sensibilidade e circunspeção para com os alunos.

Este trabalho tem como objetivo refletir as diversas didáticas que o professor atribui ao campo da educação especial, já que lidam com dificuldades constantes de aprendizagem. Além disso, descrever os obstáculos que são encontrados diariamente durante todo esse processo e em quem se baseiam para o aprimoramento do mesmo.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: [dhanyesousa013@gmail.com](mailto:dhanyesousa013@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Dra. em Educação, vinculada ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: [acsilvasoares@gmail.com](mailto:acsilvasoares@gmail.com)

## **METODOLOGIA**

Esse trabalho aborda o tipo de pesquisa exploratória, estando relacionado assim com todo o processo que o sujeito faz, desde a observação, descrição dos dados até a análise, explorando o problema e ficando mais próximo do mesmo. Assim, a pesquisa se adequa ao tipo qualitativo, que visa procedimentos mais livres, preocupando-se com o processo de atuação no campo abordado, sem fins estatísticos. Desta forma, o autor relata que:

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. (GODOY, 1995, p.62)

Além da observação e da descrição outro procedimento utilizado foi à entrevista semiestruturada. Composta por cinco perguntas, ela proporciona um diálogo mais livre e aprofundado, com maior riqueza de informações. Segundo Boni (*et al*, 2005, p.75):

As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele.

Logo, se trata de uma pesquisa de campo que foi realizada na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE, do município de Sobral. Esta instituição baseia-se em complementar a escola regular, através do atendimento educacional especializado (AEE), acontece com a comprovação da matrícula dos alunos na rede de ensino. Desta forma, ela ocorreu especificadamente, em uma das salas de atendimento em dois dias e turnos diferentes, durante o mês de novembro de 2018.

No ato da observação foram registrados momentos através de anotações e registros fotográficos, autorizados pela coordenadora pedagógica da associação, além da entrevista que aprofundou a questão da didática na educação especial.

## **DESENVOLVIMENTO**

A didática composta por métodos e técnicas que melhor desenvolvem o ensino aprendizagem dos educandos é de grande relevância para uma aula mais concreta, trazendo assim, significativos resultados na aprendizagem dos mesmos. Entretanto, vale ressaltar que

cada educador desenvolve seus métodos de acordo com as dificuldades que encontra durante seu processo de ensino. Assim, é que autor cita:

A Didática é uma disciplina que estuda o processo de ensino no seu conjunto, no qual os objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas da aula se relacionam entre si de modo a criar as condições e os modos de garantir aos alunos uma aprendizagem significativa. Ela ajuda o professor na direção e orientação das tarefas do ensino e da aprendizagem, fornecendo-lhe segurança profissional. (LIBÂNEO, 2002, p.5)

Desta forma, cabe ao professor criar condições para que esse entendimento ocorra, lembrando que alguns métodos nem sempre se adequam a todos os educandos, fazendo assim, com que o professor repense sua didática a fim de que ela sirva a todos de maneira harmoniosa.

Salientando assim a importância da didática, podemos presumir como a mesma ocorre na educação especial, onde se encontra múltiplas excepcionalidades, e que conseqüentemente, há toda uma mudança no processo de ensino. Nesse sentido, o valor atribuído à metodologia empregada é essencial para que se possa trabalhar acima das dificuldades encontradas, e que muitas vezes não é só uma, mas sim, várias. Partindo desse preceito, Glat (*et al*, 2007, p.350) afirma que a escola deve oferecer um currículo mais flexível, levando em consideração a realidade do educando e condições de acesso ao mesmo. Assim, todos terão condições de aprender e desenvolver habilidades.

Entretanto, muitos educadores ainda possuem argumentos ultrapassados quando que uma criança ou adolescente dotadas de singularidades não têm condições de adquirir qualquer conhecimento que seja. Portanto, consideram que a inclusão seja somente incluir o aluno juntos com os demais na sala de aula, sem que ele tenha um direcionamento mais especializado, não conseguindo acompanhar o ritmo daquele processo de ensino, e sem desenvolver habilidades que lhes são próprias.

No entanto, muitas evoluções já aconteceram nesse campo da educação, e assim se se desmistificaram muitos pensamentos. Desta forma, é que Glat (*et al*, 2007, p.347) diz:

Novas metodologias e técnicas de ensino trouxeram a possibilidade de aprendizagem e adaptação escolar desses sujeitos, até então alijados da escolarização formal. “O deficiente pode aprender”, tornou-se a palavra de ordem, resultando numa mudança de paradigma do modelo médico, predominante até então, para o modelo educacional.

Assim, a inclusão ganhou maior ênfase, motivando profissionais da área a aperfeiçoarem sua didática, aplicando métodos cabíveis aos alunos, a partir de suas singularidades para maior desenvolvimento de suas aptidões.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O campo da educação espacial, além de interessante, ainda possui tamanho diferencial em relação a outros campos dentro do eixo. Desta forma, é válido ressaltar que cada educando desta área se desenvolve de maneira única, e que por este motivo, há um cuidado maior ao método usado no processo de ensino aprendizagem.

Durante o atendimento observado na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), foi comprovada a importância da utilização constante de práticas, assim como também, suas mudanças, para que não se torne cansativo ao educando. Então, além de uma didática aplicada a cada indivíduo, o educador também conhecer, em parte, os alunos e passar-lhes segurança, para que desta forma possa haver um ganho maior em nível de desenvolvimento.

Na APAE, a educadora fica somente com três ou quatro alunos em sala, ressaltando que cada um possui excepcionais diferentes e que muitas vezes não é somente uma. Assim, ela já fica na sala à espera deles que já chegam acompanhados por membros da família. Ela os recebe com animação, cumprimentando-os e na maioria das vezes, até com um abraço. Entretanto, muitos já chegam agitados e durante a observação pode-se perceber a tamanha habilidade que ela tem em acalmá-los. Porém, ela explica que cada um possui maneiras diferentes de se acalmar, enquanto uns se acalmam brincando com bola, outros só ouvindo tocar violão, ela cantar, vendo vídeos no notebook, ou até mesmo em só ouvir a voz dela.

Por conseguinte, a educadora trabalha atividades diversificadas individualmente, sempre baseadas nos autores Paulo Freire e Emília Ferreiro. Enquanto ela trabalha a coordenação motora fina, através da pintura, com um dos alunos, com outro ela já trabalha as cores, jogos ou até mesmo uma escrita básica. Entretanto, ela relata que pensa cada atividade encima da dificuldade que o aluno apresenta e que trabalhando assim ela consegue descobrir outras habilidades e desenvolver bem mais do imaginava que iria. Assim, ao propor a atividade, ela conversa com o educando convidando-o para executar a mesma, sempre com calma e respeitando sempre o tempo dele, o estimulando a continuar e lhe parabenizando a cada acerto.

Apesar de poucos recursos para um atendimento mais direcionado, ela procura sempre estar levando, ou até mesmo produzindo materiais, jogos lúdicos, quebra-cabeças, entre outros, que estimulam e instigam os alunos, motivando-os a participarem e executarem as atividades propostas. Desta forma, ela conta que a maior dificuldade não é elaborar métodos para que o desenvolvimento venha a acontecer, mas sim, os alunos que não se adaptam à associação, pois eles chegam muito agitados possuindo certa resistência a adaptação.

No que se refere à avaliação dos educandos, são feitas através de diagnósticos e relatórios individuais e assim é feito o acompanhamento do desenvolvimento de cada um. Embora a família esteja sempre os acompanhando até o local, a educadora relata que ela ainda é muito ausente em coisas que desrespeitam os alunos, e isso, conseqüentemente, compromete o avanço do mesmo. Ela relata também que muitas vezes não há nem a presença de profissionais especializados na elaboração do plano de aula, provocando de certa forma, uma insegurança por parte dos educadores.

Na relação cuidador e aluno, a maior dificuldade enfrentada também é a não adaptação do aluno, ela diz que procura lidar com o máximo de cautela e dispendo de mecanismos para fazer do ambiente um espaço mais harmonioso para ele, contando até com a ajuda da família para saber de coisas que lhes faça bem. Entretanto, a minha presença na APAE fez com que os alunos ficassem mais retraídos, me olhando fixamente, tinham alguns mais agitados e outros bastante comunicativos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, a pesquisa realizada foi de grande valor e conhecimento para a minha formação acadêmica. Conhecer e presenciar esse campo da área educacional me proporcionou uma visão diferenciada em relação ao ensino aprendizagem das escolas regulares, servindo-me como base para uma ação docente mais concreta futuramente. Contudo, se percebe também a importância da didática, seja ela em qualquer campo do conhecimento, a criação de uma metodologia que favoreça a aprendizagem e desenvolvimento do aluno sempre vai ser base para todo processo de ensino ser finalizado com sucesso.

**Palavras-chave:** Didática, educação especial, práticas pedagógicas, metodologias.

## **REFERÊNCIAS**

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Rio de Janeiro. v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise; DE SOUZA FONTES, Rejane. Educação inclusiva & educação especial: propostas que se complementam no contexto da escola aberta à diversidade. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, RS. v. 32, n. 1, 2007.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, São Paulo. v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.



LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortez Editora, São Paulo, 2017.